



É maravilhoso olhar para a narrativa de Gênesis e perceber que a criação é descrita a partir de uma semana de trabalho do Eterno. Essa perspectiva nos faz perceber que “tendo optado por descrever a atividade criadora de Deus empregando a forma de uma semana de trabalho de um trabalhador, o escritor está em condições de afirmar determinadas verdades sobre os relacionamentos mútuos de Deus, do mundo e da humanidade”.¹

Dessa forma, a narrativa de Gênesis 1 e 2 não apenas deixam claro uma afirmação contundente e ampla sobre o trabalho de Deus como prevendo, estruturando e dignificando o nosso trabalho mas também afirma o descanso de Deus como prevendo, estruturando e dignificando o nosso descanso. Sim, descanso. Afinal, o Eterno criou todas as coisas e no sétimo dia descansou (Gn 1.31;2.1-3).

O início de Gênesis 2 encerra os dias de criação e o faz com uma declaração inusitada: no sétimo dia o Eterno não falou, não criou. O Criador apenas olhou a criação e viu que era muito muito boa (Gn 1.31) e neste estado de contemplação, alegria, plenitude e satisfação o Eterno descansou. O narrador enfatiza o descanso de Deus de modo inegável ao repetir três vezes a afirmação de que o Eterno não trabalhou no sétimo dia (Gn 2.1-3).²

Deus descansou. Esta declaração parece estar plena contradição com o fato de que “o Senhor é o Deus eterno, o Criador de toda a terra. Ele não se cansa nem fica exausto, sua sabedoria é insondável” (Is 40.28). Na verdade seria mais adequado pensar no descanso do Eterno no sétimo dia não como o descanso no sentido oposto ao cansaço, mas como um repouso cheio de contemplação e alegria. Utilizando a metáfora da música, após tantas escalas e arpejos o Eterno fez um silêncio, pois a pausa na música tem uma função importante de abrir espaço, de limpar e clarificar, de estruturar e por fim amarrar.

Além disso, o narrador diz que o Eterno santificou o sábado (Gn 2.3) e mais tarde a lei do Eterno revelada a Moisés prescreve que o sábado seja guardado como dia santificado ao Senhor (Êx 20.8-11), notoriamente a mais longa das Dez Palavras. Israel foi duramente questionado anos mais tarde por não guardar o sábado do Senhor (Je 17.19-27) e o próprio Jesus esteve no centro de aguerridas controvérsias sobre o sábado (Mc 2.23-3.6).

Mas afinal, qual a relevância para nós do fato de que o Eterno repousou no sétimo dia? As Escrituras afirmam que lado a lado com o valor e a dignidade do trabalho vai o valor e a dignidade do descansou/repouso: “parando para usufruir os frutos do nosso trabalho com outros seres humanos, nossos semelhantes, e para dar graças a Deus pela dádiva da vida – é isso que restaura a verdadeira perspectiva do trabalho. Assim, o lazer é introduzido na ordem criada. Faz parte da ordem dada por Deus a nós, tanto quanto o trabalho. Essa foi a base, antigamente, para a lei do sábado em Israel. Sua primeira intenção era a de colocar o trabalho humano dentro da única perspectiva que lhe dá sentido: a saber, o culto a Deus. É ainda um conceito revolucionário a ser mantido numa era devotada a frenética e devastadora idolatria do trabalho”.³

O sábado é o dia de deleite e contemplação do Eterno, que se alegra ao meditar na beleza do resultado de seu trabalho. Assim, o próprio Deus nos ensina que seguido do trabalho vem o lazer, o descanso, um período de tempo separado para o não trabalho, não como uma negação do trabalho mas propriamente como uma afirmação dele. Afinal, como afirmou de maneira descomunal Ramachandra, o repouso do trabalho coloca o trabalho dentro do único contexto no qual o mesmo pode ter sentido e trazer realização: a adoração a Deus! É no repouso que podemos contemplar nosso trabalho como um culto ao Eterno e como um ato de serviço ao meu semelhante.

Neste sentido o sábado é descansar como Deus.

Houston nos lembra de que “Deus não criou o ser humano para ser Sísifo, sempre enredado na futilidade do trabalho árduo. Pelo contrário, o descanso foi disponibilizado ao homem desde a criação”.⁴ Aliás, cabe bem explicar a menção de Sísifo por Houston. O mito de Sísifo é dos mitos gregos antigos no qual Sísifo, um camponês que teria fundado a cidade de Corinto, é condenados pelos deuses a rolar uma enorme pedra morro acima até que suas forças se esgotassem e a pedra voltasse ao seu ponto original para que Sísifo retornasse novamente a sua tarefa massacrante mas ao mesmo tempo inútil e completamente vazia de sentido. Albert Camus lançou um ensaio filosófico

¹ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.83

² SAILHAMER, JOHN H.: Genesis. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 39

³ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.97

⁴ HOUSTON, James. *O Criador: Vivendo bem no mundo de Deus*. Brasília: Palavra, 2009, p.246

em 1941 com o título “O Mito de Sísifo”, utilizando o conto para se referir ao absurdo e ao vazio de um homem atribulado vivendo em um mundo sem Deus.

É fato que muitos de nós somos tão enredados pelo trabalho e pela agitação frenética que nosso trabalho se torna um ídolo, um falso deus que nos suga a vida e a alegria ao invés de nos trazer realização e contentamento. Nos sentimos vazios, nos sentimos exauridos, nos sentimos sem sentido. É imprescindível pensarmos no Deus que toca as notas, faz as escalas e arpejos e em seguida faz uma pausa a fim de nos lembrar de que não devemos nos deixar enganar por estar “era devotada a frenética e devastadora idolatria do trabalho”.⁵

Tim Keller nota que “existe um relacionamento simbiótico entre trabalho e descanso. Naturalmente todos nós sabemos disso até certo ponto. Tiramos folga do trabalho para reabastecer o corpo e a mente. Descansar, ou praticar a guarda do sábado, também é um modo de colocarmos o trabalho em perspectiva e em seu lugar apropriado. Geralmente não enxergamos o trabalho de maneira adequada até nos afastarmos dele e imergirmos em outras atividades. Vemos então que a vida não é feita apenas de trabalho. Com essa perspectiva e corpo e mente descansados, trabalharemos mais e melhor”.⁶

Logo, o sábado tem um sentido imediato de obedecermos a necessidade de pausa de nossa mente e corpo, voltando nossa atenção nesse dia da semana – não necessariamente o sábado mas um dia regular de descanso semanal conforme a interpretação clássica dos reformados – para o trabalho do Eterno que precede, estrutura e dignifica o nosso trabalho. Lembramo-nos durante o repouso que o Deus que nunca cansa está trabalhando por mim e em mim e assim voltamos nosso rosto para a bondade de Deus. Logo, “o sábado, então, não é um dia para se fazer nada. Pelo contrário, é um tipo particular de consciência, de atenção a generosidade de Deus”.⁷

Neste sentido o sábado é descansar com Deus, deleitando-nos em um relacionamento pessoal com Ele.

Dessa forma, o sábado tem um rico e profundo sentido que vai além da regeneração das energias de nossos corpos e mentes, mas possui um amplo significado existencial pois ao longo de nossa tradição cristã “o sábado é tratado como um importante símbolo da doutrina cristã da salvação”.⁸ É importante lembrar que “autores bíblicos posteriores [ao relato do Gênesis] continuaram a ver um paralelo entre o descanso de Deus da criação e o descanso pelo qual aguarda o justo (Ps 95:11; Heb 3:11)”.⁹

Dessa forma, compreendemos que “a relação entre trabalho e descanso funciona em um nível mais profundo também. Todos nós somos assombrados pelo trabalho que está por trás do trabalho – por aquela necessidade de provar e salvar a nós mesmos, de conquistar valor e identidade. Contudo, é possível experimentar o descanso do Evangelho no íntimo do coração. Se conseguirmos nos libertar da necessidade de conquistar a salvação por meio do trabalho, teremos uma reserva profunda de refrigério que nos rejuvenesce constantemente, restaura nossa perspectiva e renova nossa paixão”.¹⁰

Timothy Keller nos lembra de que nesse sentido o sábado aponta para um descanso em Deus, um descanso interior no trabalho de Cristo realizado por nós na cruz do calvário de tal maneira que eu saiba que sou aceito, sou amado pelo Pai em Cristo de maneira que meu senso de valor não vem de minha performance profissional. Afinal, “a definição real de cristão é alguém que não apenas admira Jesus, imita Jesus e obedece a Jesus, mas que ‘descansa na obra consumada de Cristo’”.¹¹

Esse enorme painel é o pano de fundo contra o qual o cristão coloca a palavra “lazer”. O termo lazer surgiu no contexto das críticas socialistas ao capitalismo e a cultura de trabalho ininterrupto no início do séc. XIX e logo passou a significar não trabalho no sentido mais ligado a ter tempo para as atividades preferidas pelo indivíduo. Logo passou-se a implicação de que o tempo de lazer – finais de semana, feriados e férias – são momentos para fazer o que gostamos e nos desligar do trabalho, viajar, curtir com os amigos e coisas do tipo.¹² Contudo, é imprescindível lembrar que o conceito cristão do lazer é envolvido pelo *shabbat*, de tal maneira que o lazer não é a negação do trabalho, mas a afirmação do trabalho de Deus antes e acima do nosso. Portanto, o cristão se preocupa que suas atividades de lazer sejam edificantes, abençoadoras, que tragam momentos de alegria com a família e nutram nosso relacionamento com Deus. Afinal, “santidade é essencialmente integridade – a vida que funciona bem”¹³ e para que nossa vida funcione bem precisamos viver no compasso do Eterno, obedecendo sua batuta nas notas e nas pausas.

⁵ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.97

⁶ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.219

⁷ HOUSTON, James. *O Criador: Vivendo bem no mundo de Deus*. Brasília: Palavra, 2009, p.246

⁸ MANSER, MARTIN H.: *Dictionary of Bible Themes: The Accessible and Comprehensive Tool for Topical Studies*. London : Martin Manser, 2009

⁹ SAILHAMER, JOHN H.: Genesis. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 39

¹⁰ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.219

¹¹ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.222-223

¹² BARBOSA, Talita Prado; SILVA, Odair Vieira da. *Origens e significados do lazer - in Revista Científica Eletrônica de Turismo*, n.14, jan.2011.

¹³ SMITH, James Bryan. *O maravilhoso e bom Deus*. São Paulo: Vida, 2010, p. 162.